

RELAÇÕES „IN-GROUP - OUT-GROUP„ E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO *

Célio Nogueira da Gama**

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico e social tem sido objeto de diferentes abordagens pelos cientistas sociais, bem como por estudiosos da Filosofia.

Do ponto de vista dos filósofos, o desenvolvimento tem sido apreciado através da análise da evolução histórica da técnica, colocando-se sempre uma indagação última e metafísica, como o fez ORTEGA Y GASSET (9), ao lembrar que a vida humana não é somente luta com a matéria, mas, também, luta do homem com sua alma. „Será possível“, pergunta o filósofo, „vislumbrar no mundo ocidental um claro repertório de técnicas da alma?“ Assim, o processo de evolução histórica da técnica reflete o próprio processo de desenvolvimento do homem e da sociedade, pela transformação da natureza e pela tentativa transcendental de apreensão de categorias não operacionalizáveis. Neste processo histórico, o homem transforma a natureza apossando-se dela e acrescentando-lhe um significado que constitui o elemento cultural no processo evolutivo.

Da mesma forma, os cientistas políticos, os economistas e os sociólogos têm considerado o problema, a partir de

** Trabalho Apresentado ao Congresso „Quintas Jornadas Sociológicas“ de Juiz de Fora.

Recebido para publicação em 10/4/1968.

* Sociólogo, Instrutor da Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

um ponto de vista peculiar às suas disciplinas, colocando como fulcro da análise o conceito da técnica que, em última instância, constitui o ponto de referência que orienta os diversos ensaios e pesquisas sobre o processo de desenvolvimento. FURTADO (3), por exemplo, define o desenvolvimento econômico «como um processo de mudança social pelo qual um número crescente de necessidades humanas - preexistentes ou criadas pela própria mudança - são satisfeitas através de uma diferenciação no sistema produtivo, decorrente da introdução de inovações tecnológicas». IANNI (6), considerando, sociologicamente, o problema do desenvolvimento e industrialização, afirma ser «Essencial à dinâmica do crescimento econômico uma contínua racionalização das atividades produtivas, o que significa, entre outras coisas, o aperfeiçoamento constante dos fatores da produção».

HEINTZ (5), ao analisar o desenvolvimento da perspectiva das estruturas do poder, procura demonstrar que a possibilidade de modificação destas estruturas situa-se no plano das relações cruciais entre um poder político tradicional e um potencial político ameaçador, constituído pelas classes baixas que, expostas aos meios de comunicação às massas, iniciam um processo reivindicatório pela participação nas esferas das decisões políticas e no bem-estar econômico e social. O fator básico, para decidir a tensão conflitiva ao plano das estruturas do poder, seria a modernização destas estruturas pela incorporação, ao processo produtivo, da moderna tecnologia em disponibilidade nos países atualmente desenvolvidos.

Êstes diversos trabalhos estão marcados por uma «ideologia da modernização», na medida em que os diferentes autores possuem uma vivência da sociedade industrial e, portanto, pretendem que todo o processo social deva dirigir-se no sentido de adaptar-se aos valores desta sociedade.

«O aperfeiçoamento constante dos fatores de produção», «a introdução de inovações tecnológicas», a «modernização das estruturas do poder», a «luta com a matéria», estão fundamentados no fator básico de dinamização do processo social, constituído pela técnica em uma perspectiva de evolução histórica.

Enquanto absorvidos pelo fascínio da técnica, êstes autores perdem a perspectiva de outros elementos constitutivos da realidade do desenvolvimento econômico e social, que deveriam complementar a análise do processo estudado. É certo que FURTADO, em obra posterior (4), focaliza o problema

das inovações tecnológicas a partir do nível da estrutura social dos países subdesenvolvidos, enquanto referida ao sistema de estratificação internacional. Porém, de qualquer forma, sua abordagem permanece fundamentada no tecnicismo que se pretende exaustivo, refletindo uma "ideologia da modernização".

Neste trabalho, procuraremos mostrar que a análise do processo de desenvolvimento econômico e social, pode ser orientada segundo uma perspectiva que considera as relações grupais em uma sociedade em transição, considerando os aspectos da cultura como elemento esclarecedor de diferente faceta de uma mesma problemática.

Não significa isto que a perspectiva aqui apresentada seja exaustiva, mas tão somente que constitui mais uma contribuição para o esclarecimento de um processo social que, por ser totalizante, não se esgota em análises singulares.

2. IMPLICAÇÕES TEÓRICAS DOS CONCEITOS DE

"IN-GROUP" E "OUT-GROUP"

Os "out-groups" são constituídos por elementos julgados, por determinado segmento do sistema social, como diferentes do "nós", com base em algum atributo social. Obviamente, o "in-group" é constituído por elementos que se identificam com o "nós".

Portanto, as relações que se estabelecem entre "in-group" e "out-group" são sempretensas, na medida em que as atitudes dos elementos do "in-group" desenvolvem-se no sentido de discriminar o "outro". Isto não supõe, todavia, que estas relações sejam unilineares ou de causalidade singular.

À medida que os elementos do "in-group" discriminam os "outros" estes reagem, na maioria das vezes, também como "in-group", avaliando os antagonistas como um "out-group". Estabelece-se, portanto, um sistema de relações dialéticas, em que ambos os elementos - o nós e o "outro" - constituem, ao mesmo tempo, causa e efeito do processo dinâmico.

O estudo de MYRDAL(8) sobre o preconceito racial dos Estados Unidos, sugere relações dialéticas entre o "in-group" (negros) e o "out-group" (brancos).

"Os negros norte-americanos", escreve MYRDAL, "não estão circunscritos em uma única região geográfica, onde se tenham voluntariamente isolado. Mas, de fato, estão segrega-

dos do resto da população norte-americana e congregados em determinado grupo social, perfeitamente distinto, com preocupações coletivas e um destino comum. Êste relativo insulamento social é o resultado da atitude norte-americana de discriminação racial, (8).

A análise de MYRDAL sugere, portanto, a possibilidade de o processo de tensão social, originado pelas relações raciais, criar condições para que o "in-group" elabore uma sub-cultura que reforça ainda mais o processo discriminatório, conduzindo o fenômeno das relações grupais para os limites do conflito aberto.

A elaboração de uma sub-cultura pelo "in-group" gera, ao mesmo tempo, entre seus elementos, uma consciência da necessidade de discriminar seus antagonistas, o que reforça a coesão social interna do grupo.

Êste processo de relações conflitivas fortemente estruturadas pelas relações grupais, somente poderá ser rompido pela introdução, no sistema, de fatores exógenos capazes de modificar o sentido das forças em interação.

3. IMPLICAÇÃO DOS CONCEITOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE SOCIEDADES EM TRANSIÇÃO

As sociedades em transição caracterizam-se por sua dualidade estrutural básica, isto é, pela coexistência de estruturas tradicionais e modernas em um mesmo sistema social. Esta dualidade estrutural básica deve ser entendida como uma redução analítica pois, de fato, o que se observa nas sociedades em transição é uma pluralidade de estruturas que se não reduzem à dicotomia tradicionalismo - modernismo.

Mas, entendendo-se êste modelo teórico de análise como os modelos típico-ideais weberianos, é possível abstrair das particularidades concretas e trabalhar ao nível das generalidades, isolando da realidade as variáveis consideradas estratégicas para os objetivos do estudo.

Assim, nosso modelo terá como pressuposição que a realidade das sociedades em transição se reduz ao modelo dicotômico de estruturas duais.

Ao tipo moderno, associamos a idéia de "out-group" e ao tradicional a idéia de "in-group".

Neste ponto da análise introduziremos a teoria de cam-

po desenvolvida por LEWIN (7) e que servirá de variável interpretativa do processo de relacionamento de "in-group" e "out-group", nas sociedades em transição.

A idéia de LEWIN se fundamenta no princípio de que o comportamento de uma pessoa depende sobretudo de sua posição momentânea. "Uma mudança de posição, por exemplo, a locomoção de um grupo para outro, muda não somente o que rodeia momentaneamente a pessoa, mas, mais ou menos, toda a situação; o que era uma região vizinha, facilmente acessível na posição anterior, pode agora estar mais longe e não ser mais acessível. A mudança (do adolescente) para o grupo de adultos, por exemplo, torna possível determinadas atividades, que previamente eram proibidas, mas que agora são socialmente permitidas. O indivíduo pode participar de determinadas reuniões sociais, ter acesso a determinadas atividades. Por outro lado, existem certos tabus para o adulto, que não existiam para a criança" (7, p. 155).

A mudança de grupo significa, para o adventício, entrar em uma região desconhecida e cognitivamente não estruturada. Assim, também, a introdução em um campo particular de novas maneiras de fazer as coisas, implica em alterar os parâmetros do sistema, as normas, os valores, os relacionamentos, enfim a estrutura global da situação.

Como os elementos do sistema no qual se pretende introduzir novas idéias, sentem-se desamparados frente a uma nova situação cognitivamente não estruturada, eles tendem a reagir no sentido de manter a coesão social existente e culturalmente induzida. Esta coesão social culturalmente induzida é reforçada, no contato com as novas idéias, pela coesão induzida pelo contexto estrutural da nova situação.

Este processo de relacionamento entre as estruturas sociais moderna e tradicional leva os elementos desta última ao reforçamento de sua coesão social, tornando-se um "in-group", que elabora uma sub-cultura capaz de identificar o "nós" em oposição ao "outro", isto é, ao "out-group" constituído pela sociedade moderna.

A introdução, portanto, de inovações tecnológicas no sistema tradicional não implica apenas, como afirma FURTADO (3), em satisfazer necessidades humanas pré-existentes à mudança, visto que estas necessidades humanas são socialmente definidas pela cultura própria ao sistema e, portanto, os elementos do "in-group" já possuem maneiras culturalmente definidas de satisfazê-las.

À medida, entretanto, que o "in-group" ou sociedade tradicional resiste às inovações impostas pela sociedade moderna ou industrial, desenvolve-se o processo discriminatório. O "in-group" percebe a sociedade moderna como um "out-group" que se diferencia do "nós" por uma série de atributos sociais estereotipados. Êstes estereótipos podem ser identificados ao nível da linguagem popular, nas sociedades tradicionais, a qual faz restrições aos membros do "out-group" que se estendem, desde a sua incapacidade para o trabalho, até às restrições à sua masculinidade.

Mas, se o processo, como notamos no princípio dêste trabalho, é fundamentado em relações dialéticas, há de se ir um pouco além na análise e procurar identificar do lado do "out-group" os juízos de valor estereotipados que elabora acerca da sociedade tradicional e que identificam o momento crucial do processo em que ambos os elementos em relação se confundem em uma mesma posição de discriminadores do "outro".

FONSECA (2), em interessante conferência sobre o processo de difusão de inovações, chama a atenção para o fato de que os agentes de mudanças, ao desenvolver em programas em sociedades rurais, já o fazem premunidos de estereótipos sobre a personalidade do homem rural, sem contudo basearem êstes seus julgamentos em fatos reais, cientificamente comprovados. Mas, o mesmo autor, preocupado com apenas uma das faces da medalha, não chega a compreender que as relações grupais, isto é, as relações que se estabelecem entre as sociedades tradicional e moderna se definem em termos de "in-group" - out-group" e que os julgamentos de valor são mutuamente dependentes.

Da mesma forma, ECHEVERRIA (1), ao abordar o processo de difusão de inovações afirma, com certa ênfase, que o agricultor brasileiro, ou pelo menos aquele agricultor da região em que desenvolveu o seu estudo, não deve ser considerado "apático", pois trata-se de um elemento pronto a aceitar as modernas técnicas agrícolas, e que só não o faz porque não existem pré-condições estruturais que possibilitem a adoção. Embora a conclusão da autora seja bastante inteligente, ela também se vê envolvida pela "ideologia da modernização" e se lança, decididamente, em defesa de uma fácil modificação do sistema social, apenas sejam criadas as condições estruturais que, para ela, se definem em termos de melhores condições econômicas.

Como podemos concluir, embora percebendo o elemento estereotipado que permanece como função latente no processo das relações cruciais - entre sociedades contemporâneas, mas não coetâneas, estes autores não conseguem apreender o fenômeno ao nível de suas análises, porque não conceptualizam as estruturas do grupos em relacionamento do ponto de vista das culturas dos sistemas sociais.

4. CONCLUSÃO

Para que a análise do processo de desenvolvimento econômico e social nas sociedades em transição possa apreender o fenômeno em sua totalidade, torna-se necessário ultrapassar a simples aparência da realidade procurando captar os elementos culturais que enriquecem a análise e possibilitam apreender o fenômeno das resistências à mudança de um ângulo diferente.

Neste sentido, a tecnologia, em seu desenvolvimento, pode e deve ser considerada como fator básico do dinamismo nas sociedades que se modernizam, mas, simplesmente esta abordagem, não explica o fenômeno dos obstáculos às mudanças.

Enquanto permanecermos ao nível da análise do fator básico do dinamismo da modernização, estaremos ao nível da consciência de que esta modernização é necessária, mas não atingiremos o nível de uma ciência explicativa do processo.

O modelo de análise que aqui propomos das relações "in-group - out-group", correlacionadas com a variável explicativa de situação ou campo, de acordo com a teoria de LEWIN (7) poderá sugerir novos problemas para o enfoque da problemática do desenvolvimento econômico e social.

Se este trabalho servir, pelo menos para levantar dúvidas e discussões, cremos ter cumprido com a nossa tarefa.

5. RESUMO

A partir de uma crítica às diversas abordagens do desenvolvimento econômico que se orientam por uma ideologia da modernização, o autor propõe um modelo de análise ao nível das relações culturais entre os sistemas rural e urbano de sociedades específicas.

O modelo de análise proposto fundamenta-se nas relações "in-group - out-group" correlacionadas com a variável explicativa de situação ou campo, de acordo com a teoria de Lewin.

O autor pretende, com seu modelo de análise, apreender a totalidade do fenômeno do desenvolvimento, procurando captar os elementos culturais que interferem no fenômeno de resistências à mudança.

6. SUMMARY

The author, using a critical analysis of several approaches to economic development which are oriented by an ideology of modernization, suggests a model of analysis at the level of cultural relations between rural and urban systems in any specific society.

This model of analysis is based on the "in-group - out-group" relations that are in correlation with the situation or field variable of Lewin's theory.

The author pretends, with this model of analysis, to obtain the totality of development process, in order to get the cultural elements that interfere in the phenomenon of the obstacles to change.

7. LITERATURA CITADA

1. ECHEVERRIA, Thaís Martins. Difusão de Novas Práticas e Adoção por Pequenos Agricultores, no Município de Guaraçatã. Piracicaba, ESALQ, 1967. 24 p. (mimeografado).
2. FONSÊCA, Luís. A Importância do Estudo da Comunicação e Difusão para o Desenvolvimento Rural. Piracicaba, ESALQ, 1967. 10 p. (mimeografado).
3. FURTADO, Celso. Dialética do Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1964. 173 p.
4. _____. Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966. 127 p.

5. HEINTZ, Peter. El Problema de la Indecisión Social en el Desarrollo Económico. Belo Horizonte, Faculdade de Ciências Econômicas - Departamento de Sociologia e Política, UFMG, 1965. 42 p. (mimeografado).
6. IANNI, Otávio. Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1963. 269 p.
7. LEWIN, Kurt. Teoria de Campo em Ciência Social. São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1965. 387 p.
8. MYRDAL, Gunnar. Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas. Rio de Janeiro, Editora Saga, 1965. 240 p.
9. ORTEGA Y GASSET, José. Meditação da Técnica. Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, Ltda., 1963. 135 p.